A INTERCULTURALIDADE NA SALA DE AULA: UM ENCONTRO DE SUBJETIVIDADES NAS AULAS DE LÍNGUA INGLESA DO CURSO DE LETRAS MODERNAS

Evilin Judith Gomes Teixeira
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, Bahia, Brasil
ORCID: https://orcid.org/0009-0004-2963-985X
Endereço eletrônico: evilinjudith@gmail.com

Iris Nunes de Souza
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, Bahia, Brasil
ORCID: https://orcid.org/0000-0002-1082-1537
Endereço eletrônico: iris.souza@uesb.edu.br

Palavras-chave: Educação; língua inglesa, interculturalidade; currículo.

INTRODUÇÃO

A universidade pública brasileira constitui-se historicamente como um espaço de produção de conhecimento, formação profissional e promoção do direito à educação. Nesse sentido, os cursos de formação docente desempenham um papel fundamental na garantia desses direitos, uma vez que, por meio deles, pode-se construir e explorar caminhos que valorizem as diferenças culturais e busquem reconhecer e combater as desigualdades e seus impactos na educação, um ato subversivo de luta contra a manutenção das estruturas de poder dentro e fora do campo educacional.

Tendo em vista esse contexto, a presente pesquisa surgiu a partir de inquietações promovidas pela observação e pela vivência com colegas e professores em um curso de Letras Modernas, onde muitas vezes o domínio da língua inglesa pode ser compreendido como um capital linguístico prévio, decisivo para a permanência dos discentes. Essa questão perpassa não apenas aspectos relativos à fluência no idioma, mas é também inerente às dimensões sociais, culturais e identitárias que compõem o coletivo das turmas. Para compreender tais dinâmicas, esta pesquisa fundamenta-se em discussões que tomam a lingua(gem) sob a perspectiva da Linguística Aplicada, definindo-a como prática social, imersa cultural e historicamente na forma como nos apresentamos ao mundo e nos relacionamos com ele.

Nesse sentido, pensa-se a lingua(gem) como intrinsecamente relacionada à identidade, representação e legitimação da nossa existência, podendo ser também "arena de disputa e/ou ponte entre diferentes realidades" (Volóchinov,1929).

Diante disso, este trabalho busca compreender em que medida o ensino de língua inglesa, na graduação de Letras Modernas, promove condições de pertencimento, inclusão e legitimidade de diferentes estudantes no curso e nas aulas. Estudando, ainda, como as práticas curriculares e pedagógicas impactam essa dinâmica sob a ótica da interculturalidade crítica.

A fim de alcançar o objetivo descrito, serão percorridos caminhos que elucidem como os alunos do curso de Letras Modernas percebem sua própria identidade e o lugar que ocupam nas aulas de Língua Inglesa, como são as aulas de Língua Inglesa, como os professores percebem as aulas e alunos. Ademais preciso investigar o modo como o currículo está envolvido nessa realidade descrita, e, principalmente, (re)descobrir de que modo a interculturalidade está inserida nesse contexto da sala de aula.

METODOLOGIA

Esse estudo, sob a égide da Linguística Aplicada, adota uma abordagem qualitativa de cunho etnográfico que, conforme sinaliza André (2003), está voltada à compreensão, interpretação e análise crítica do objeto de estudo, respeitando os limites temporais próprios da investigação. Entretanto, é importante destacar que o trabalho encontra-se atualmente em fase inicial, razão pela qual ainda não dispõe de resultados ou desdobramentos analíticos.

Para a produção dos dados, serão realizadas entrevistas com os professores e posteriormente com os alunos, junto às rodas de conversa, além de observações de campo, visando compreender as experiências, percepções e dinâmicas presentes no contexto examinado.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para Walsh (2009), a interculturalidade em questão é um conceito que não está concretizado, mas em constante desenvolvimento. Segundo a autora, ele surge não somente pelo reconhecimento das diferenças, pois constitui, na verdade, um movimento de construção e posicionamento. É pautado, então, como um projeto político, social, ético e epistêmico que efetiva mudanças em tudo o que foi naturalizado e estruturado pelas relações de poder que promovem e reproduzem, dentre outras coisas, desigualdades e inferiorização. Focaliza-se, a partir desse conceito, a construção coletiva de uma sociedade que supere as assimetrias

mantidas pelas heranças coloniais, colocando em jogo diversas práticas e diferentes culturas de viver, pensar e agir.

Diante dessa perspectiva, compreende-se que a interculturalidade crítica proposta por Walsh não se restringe aos grandes debates sociais, mas encontra na sala de aula de língua inglesa um espaço de aplicabilidade. Assim, ela pode assumir o papel de propósito pedagógico e objetivo central nas aulas de língua inglesa.

Ao se deparar com as profundas disparidades socioeconômicas e culturais que se refletem diretamente no domínio ou não domínio do idioma, cabe às aulas de Língua Inglesa (LI) a utilização da interculturalidade como uma ferramenta de combate a essas desigualdades. Não se trata de admitir a exclusão, de naturalizar ou de apenas reconhecer as dificuldades dos estudantes que não possuem domínio dessa língua, mas de promover a equidade e o igual acesso ao conhecimento. Sob essa ótica, o ensino de inglês deixa de ser um instrumento de seleção excludente e passa a ser um espaço que permite aos discentes construírem novas formas de se significar, de se apresentar e de legitimar suas existências no mundo por meio da nova língua.

Além disso, é importante destacar que o inglês não representa apenas mais um idioma no mundo; ele é, para muitos, um meio de ascensão social. Em um mundo tecnológico, a língua inglesa é tida como uma língua de prestígio e, partindo da lógica da colonialidade, constitui também um instrumento de poder. Por isso, ressignificar o ensino, torná-lo crítico e propagar a aprendizagem dessa língua para pessoas que, socialmente, não teriam essa possibilidade é uma prática não só intercultural como também decolonial.

Ao retomar a análise das aulas, outro fator ganha importante destaque: o currículo. Refletir sobre esse elemento é fundamental para compreender o fazer pedagógico e questões vão além. De acordo com Silva (2016), analisar o currículo implica, primeiramente, refletir sobre quais conhecimentos são considerados relevantes para compor esse documento. Contudo, é necessário considerar que os elementos que constituem o currículo não se restringem aos conhecimentos nele presentes, pois envolvem aspectos que ultrapassam essa dimensão. Segundo o autor, o currículo está intrinsecamente ligado àquilo que somos e ao que nos tornaremos, relacionando-se diretamente com a construção de nossa identidade e subjetividade.

Para tanto, analisar o currículo do curso de Letras Modernas vai além de uma mera descrição dos conhecimentos a serem trabalhados. Pensar sobre o que está ou não contido nele é compreender também as relações de poder que o moldam, haja vista que deve ser considerado que há sempre ideologias que estão intrinsecamente envolvidas.

Para finalizar a discussão, todos esses aspectos vão ao encontro de um outro conceito indispensável ao tratar de um ensino interculturalmente crítico, a educação como "prática de liberdade". A partir desse conceito, Paulo Freire (1967) defende que a função da educação não é ela própria libertar os sujeitos, mas criar condições para que eles próprios desenvolvam uma consciência crítica capaz de compreender e transformar a realidade em que vivem. Assim, pensar a interculturalidade no ensino é também abraçar a educação enquanto uma "prática de liberdade".

CONCLUSÕES

Com base no que foi apresentado, nesta pesquisa está inserida dentro do contexto do ensino e especificamente na formação de professores do curso de Letras Modernas dentro das aulas de Língua Inglesa, objetivando produzir outras inteligibilidades sobre a aprendizagem dentro de um contexto intercultural.

O estudo, juntamente com as reflexões propostas, colabora para o fortalecimento de práticas educacionais menos excludentes, para a promoção de uma formação docente crítica e aproximação do ensino de inglês da realidade dos alunos, buscando apoiar a ampliação das possibilidades de pertencimento dos alunos e o fortalecimento da representatividade dentro do ensino de línguas.

REFERÊNCIAS

ANDRÉ, Marli. **Etnografia da prática escolar**. São Paulo: Papirus, 2005.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir:** a educação como prática da liberdade. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade:** uma introdução às teorias do currículo. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016

WALSH, Catherine. Interculturalidad crítica y educación intercultural. In: SEMINARIO INTERCULTURALIDAD Y EDUCACIÓN INTERCULTURAL, 2009, La Paz. **Anais**... La Paz: Instituto Internacional de Integración del Convenio Andrés Bello, 2009.